

Dr. David deSilva , O Mundo Cultural do Novo Testamento, Sessão 8, Lendo Hebreus em Sintonia com a Pureza e a Poluição

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 8, Lendo Hebreus em sintonia com a pureza e a poluição.

Nesta palestra de encerramento desta série, veremos juntos como o que exploramos sobre pureza e poluição e os direitos por meio dos quais se passa de uma para outra.

Poderia abrir um texto do Novo Testamento e, para este tópico, voltaremos à carta aos Hebreus. Uma das coisas em que provavelmente deveríamos pensar primeiro é a questão mais ampla de alguns destes regulamentos de pureza numa congregação paulina. É muito provável que o público ao qual o autor de Hebreus se dirige tenha sido formado como resultado da pregação de Paulo ou de um dos colegas mais próximos de Paulo.

Uma das poucas pistas que temos sobre a carta em si vem das saudações finais no capítulo 13, versículo 23. O autor escreve Quero que você saiba que nosso irmão Timóteo foi libertado e, se chegar a tempo, ele Estarei comigo quando eu te ver. Portanto, essa ligação com Timóteo, que obviamente era um dos braços direitos de Paulo na equipe de Paulo, liga esta carta e a igreja ou igrejas a que esta carta se dirige à missão paulina.

Se este fosse um curso sobre Hebreus, poderíamos falar sobre as questões de autoria em relação a Hebreus. Eu diria que certamente não é do próprio apóstolo Paulo por uma série de razões, entre as quais o fato de o autor falar de si mesmo como alguém que recebeu a palavra por meio da pregação de outros. Considerando que Paulo é explícito e inflexível em suas outras epístolas, como Gálatas, que ele recebeu o evangelho e veio à fé por uma revelação direta de Deus e não através de um homem ou através de homens.

Então, provavelmente estamos diante de um texto que vem da missão paulina. E esta referência em 13.23 mostra algum interesse contínuo na coordenação dos movimentos dos membros da equipe paulina. Agora, uma coisa que podemos dizer, visto que esta é, portanto, uma congregação paulina, é que um elemento muito importante dos códigos de pureza israelitas já foi tratado e deixado de lado.

E essa é a fronteira entre judeus e não-judeus na compreensão de Paulo sobre o que Deus fez em Jesus Cristo. Novamente, voltando-se para algumas das cartas cardeais

paulinas, Romanos e Gálatas, Paulo é muito direto e desenvolve longamente a ideia de que a separação dos judeus dos outros povos da terra pertence ao passado na história de Deus no trato com a humanidade. E que agora, em Cristo, aconteceu algo decisivamente novo que une o judeu e o gentio em termos iguais, nos mesmos termos.

Embora a autoria de Efésios seja contestada, penso que este é Paulino, que é de Paulo. Não importa quem o escreveu, o autor realmente entende a ênfase de Paulo em relação aos mapas de pessoas e a mudança que aconteceu no mapa de pessoas em relação a judeus e gentios. Então, lemos em 2:14 e 2:15, Deus transformou os dois grupos em um e derrubou o muro divisório que é a hostilidade entre nós.

Ele aboliu a lei com os seus mandamentos e ordenanças para que pudesse criar em si mesmo uma nova humanidade no lugar dos dois, estabelecendo assim a paz. O autor de Hebreus fala também da experiência do Espírito Santo por parte daquela congregação. Eles desfrutaram de distribuições do Espírito Santo de acordo com a vontade de Deus como parte da sua experiência de conversão.

Além disso, o autor fala de terem recebido uma parte do Espírito Santo. Esta ênfase no Espírito Santo também lembra as ênfases nas cartas de Paulo, bem como nos capítulos 10:11 e 15 de Atos, no sentido de que a concessão do Espírito Santo, o Espírito Santo, tanto aos judeus como aos gentios, com base em sua confiança Jesus, é uma indicação da transcendência dos antigos mapas de pureza das pessoas. Os gentios agora também são santos para o Senhor se confiarem em Cristo, assim como os judeus são santos para o Senhor quando confiam em Cristo.

E a entrega do Espírito Santo a ambos em Cristo confirma esta reescrita dos mapas de pureza. Portanto, se Deus não pretendia mais que existisse uma barreira entre judeus e gentios dentro do novo povo de Deus reunido em Cristo, todos os códigos de pureza relacionados à manutenção dessa fronteira desaparecem e, de fato, precisam ser eliminados na medida em que eles separem o que Deus agora uniu em um só corpo. Assim, encontramos o cristianismo paulino rejeitando a necessidade de regulamentações dietéticas e, de fato, necessitando da rejeição de regulamentações dietéticas onde estas poderiam manter os judeus comendo em mesas separadas dos cristãos judeus, comendo em mesas separadas dos cristãos gentios.

Vemos isso refletido, por exemplo, em Gálatas 2:11 a 14 com bastante destaque. E aqui em 1 Timóteo 4:4 a 5, meio que articulado como um princípio geral, tudo o que foi criado por Deus é bom, e nada deve ser rejeitado desde que seja recebido com ação de graças. E aqui está a palavra-chave, pois ela é santificada pela palavra de Deus e pela oração.

Curiosamente, porém, o próprio Paulo e os membros da missão paulina continuam a ter muito cuidado com os alimentos sacrificados aos ídolos. Se a comida estiver realmente desvinculada de qualquer ligação, material ou verbal, com um ídolo, tudo bem. Mas assim que surge o tema da idolatria, torna-se algo do qual devemos abster-nos, porque essa fronteira, a fronteira entre o povo de Deus e Cristo e a prática idólatra, continua a ser uma fronteira que deve ser preservada a todo custo.

Mesmo a observância do sábado, que tinha sido outro claro marcador de diferença, e a circuncisão como um direito, já não têm valor prescritivo na nova comunidade de Cristo, no que diz respeito a Paulo e à sua missão. E quando nosso autor, o autor de Hebreus, escreve sobre um descanso sabático no capítulo 4:9 a 11, o descanso sabático que lhe diz respeito não é o descanso do sétimo dia de cada semana neste mundo. É o descanso sabático desfrutado além deste reino eternamente.

É o lugar onde Deus descansou, o reino divino além da criação material e visível. É a pátria celestial, a cidade permanente, o reino celestial onde habita a plena presença de Deus. Tudo isso dito de antemão, meio que reorientando as preocupações com a pureza e a poluição dentro da missão paulina, ainda encontramos uma linguagem de pureza sendo empregada para reforçar os limites.

Não é, contudo, a fronteira entre judeus e gentios como tal, mas a nova fronteira entre cristãos, sejam judeus ou gentios, e não-cristãos, sejam judeus ou gentios. Isto é visto, por exemplo, na maneira comum de falar sobre os cristãos como os santos, uma espécie de palavra solitária do latim, que significa os santos, os santificados. Este é um exemplo, e vemos isso em Hebreus, por exemplo, em 6.10. O autor refere-se às congregações servindo umas às outras, servindo aos santos e continuando a servir.

E nas saudações finais, pede aos ouvintes que saudem todos os santos, todos os santificados, todos os santos. Ele ainda fala mais explicitamente em 2.11 sobre aquele que santifica e aqueles que são santificados, todos vindos da mesma origem, a saber, Cristo e todos aqueles que estão em Cristo. Mas ele fala então muito explicitamente sobre aqueles que estão em Cristo sendo separados, sendo santificados, passando por algum tipo de ação ritual, mesmo que esse ritual seja entendido completamente figurativamente, que os separa para Deus de uma forma que outros não sejam separados. para Deus.

Contudo, o autor de Hebreus vai muito além disso, ao descrever especificamente como os cristãos foram separados para Deus, foram purificados e santificados, não apenas para pertencerem a Deus, mas para entrarem na presença imediata do Deus santo. Este é um ponto importante de Hebreus, sobre o qual falaremos com mais detalhes daqui a pouco, mas apenas para esclarecer. O autor de Hebreus está intensamente interessado no fato de que sob a antiga aliança o mapa dos espaços permaneceu inviolável.

Não importa o que acontecesse no templo, o leigo israelita não poderia entrar no Santo dos Santos. O acesso a Deus estava assim neste mapa de pessoas e espaços. O acesso a Deus era limitado e não havia como transcender as limitações para chegar diante de Deus.

Agora, em certo sentido, é claro, todo israelita poderia comparecer diante de Deus. Os Salmos são um testemunho da vital vida de oração. E só para colocar outro anúncio dos Apócrifos, várias orações encontradas neles são um testemunho da vital vida de oração dos judeus ao longo deste período, no sentido de que eles poderiam chegar diante de Deus.

Mas, num outro sentido muito real, eles não poderiam comparecer diante de Deus. Eles tiveram que parar aqui e deixar os outros irem um pouco mais longe, até mesmo uma pessoa. E o autor de Hebreus fica impressionado com o fato de que, com a morte de Jesus, tudo isso foi destruído.

E todo aquele que se aproxima de Deus através de Cristo é preparado, é santificado, é santificado a tal ponto que ele ou ela não pode simplesmente entrar no Santo dos Santos na terra, que de qualquer maneira é apenas uma cópia, mas pode realmente entrar no reino divino e viver. ali para sempre na presença real de Deus. E isso, para o autor de Hebreus, é o grande avanço que aconteceu agora em Cristo. Para voltar ao ponto onde estamos nesta apresentação específica, porém, examinaremos alguns textos em que o autor fala sobre isso.

No capítulo 10, versículo 10, ele diz, fomos santificados pela oferta do corpo de Cristo, de Jesus Cristo, de uma vez por todas. E apenas alguns versículos depois, em 10:14, por meio de uma única oferta, Cristo aperfeiçoou para sempre aqueles que estão sendo santificados. O autor está falando aqui de uma espécie de rito de purificação, em si, mas de um rito de santificação que aconteceu com pessoas que confiam em Jesus em virtude da morte de Jesus.

Ao contrário do mapa do povo do antigo Israel, onde apenas os sacerdotes passavam por um rito de santificação que os separava para ministrar nos lugares santos, o autor de Hebreus vê a morte de Jesus como algo que transformou e santificou o ser humano típico que confia em Jesus para que todos juntos possam cruzar esses limites para a presença real de Deus. Agora, o autor aceita a premissa básica subjacente ao sistema sacrificial de Israel, e que é simplesmente que, sem derramamento de sangue, não há remissão de pecados. Mas ele aplica-o à morte de Jesus, em oposição aos sacrifícios de touros e bodes, como uma remoção decisiva dos pecados do crente, não só da consciência do crente, mas também da própria memória de Deus.

E assim, lemos em Hebreus 9, versículos 13 a 14, se o sangue de touros e de bodes e a cinza aspergida de uma novilha santificam aqueles que foram poluídos no que diz respeito à pureza da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que se ofereceu irrepreensível a Deus por meio do espírito eterno, purificou a nossa consciência das obras mortas para adorar o Deus vivo? Aqui, para apresentar seu argumento, o autor postula uma dicotomia entre purificação externa e purificação interna. Ele também analisa os sacrifícios de animais sob o código da lei levítica como atos que cuidam da poluição externa e lidam com ela, mas não tratam da poluição interna. Ele afirma que o melhor sacrifício do que a oferta de si mesmo por Jesus, o seu ato perfeito de obediência, é, para dizer de forma um tanto grosseira, um detergente ritual de potência muito maior.

No fundo, limpeza é o que ela proporciona, não apenas a limpeza externa que faz alguma coisa, que permite alguma interação com Deus, mas a limpeza total que permite acesso completamente íntimo a Deus no próprio lugar de Deus, no próprio espaço de Deus. , no próprio céu. Como já mencionei, mas agora quero falar mais detalhadamente sobre o autor de Hebreus reescrevendo os mapas do espaço sagrado e do pessoal que encontramos em nossa palestra anterior. Conversamos sobre o mapa do templo e precisamos lembrar disso mentalmente aqui.

O autor de Hebreus está ciente, muito consciente, do acesso gradual a Deus exibido por aqueles mapas do templo e pelo mapa de pessoas que são capazes, que estão equipadas em virtude de maiores graus de santidade, para cruzar quais linhas naquele mapa. O autor de Hebreus acredita que isto parece representar um passo bastante novo na reflexão judaica, na reflexão judaico-cristã sobre o Antigo Testamento. O autor de Hebreus acredita que isso não era o melhor de Deus para o povo de Deus, que a visão de Deus para o povo de Deus precisava, em última análise, transcender essas limitações no acesso à própria presença de Deus, à medida que esses mapas eram definidos e perpetuados.

O próprio autor não parece ter qualquer utilidade para os espaços sagrados de Jerusalém, embora esteja intensamente interessado neles. Ele fala deles estritamente com base nas Escrituras, em oposição a uma base experimental. Tudo o que ele diz sobre eles é sobre o tabernáculo, sobre a tenda.

Na verdade, ele não fala sobre o belo templo de mármore que existia na época dele, com toda a probabilidade, existia na época em que ele escreveu. Por não serem estes os espaços onde acontece a mediação eficaz com Deus, têm apenas uma importância secundária e simbólica.

O autor de Hebreus, como muitos judeus do período do Segundo Templo, considerava o tabernáculo ou templo uma cópia do templo celestial. O autor de Hebreus, mas não apenas ele mesmo, pessoas como o autor de Sabedoria de Salomão, olham para um versículo em Êxodo que me escapa no momento em

termos de referência de capítulo e versículo, mas Deus diz a Moisés, veja se você faz todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado no monte. Quero dizer Êxodo 25:40, mas isso é uma espécie de jogo de dados para mim.

E aos judeus lendo esse sentido, tudo bem, a Moisés não foi mostrado um projeto, mas a Moisés foi mostrado o templo celestial. E deu instruções sobre como fazer um modelo disso nos espaços terrestres onde seriam realizados sacrifícios e mediações. O autor de Hebreus então diz, você sabe, não estamos realmente preocupados com a mediação que acontece na cópia terrena.

Estamos preocupados com a mediação que acontece no próprio templo, no próprio tabernáculo, onde Deus habita. Aquela coisa da qual o tabernáculo e depois o templo eram uma cópia. Aqui, falaremos sobre a morte e ascensão de Jesus ao céu.

O templo terreno era apenas um modelo. Uma mediação decididamente eficaz teria de esperar por alguém que pudesse entrar no lugar santo celestial. Ali seria realizada uma mediação que faria uma diferença decisiva no acesso humano a Deus.

Isso romperia todas as fronteiras de acesso a Deus representadas no mapa levítico de espaços e pessoas. O autor argumenta que o sistema sacrificial do tabernáculo do deserto, do tabernáculo do deserto e, depois, é claro, mais tarde do templo de Jerusalém, nunca foi capaz de lidar de forma decisiva com os pecados das pessoas. Como ele disse, permitiu a atividade contínua entre o povo e Deus até certo ponto, mas nunca lidou de forma decisiva com esses pecados, de modo que o próprio povo pudesse tornar-se limpo, suficientemente limpo e santo, para se aproximar de Deus do que aqueles mapas do território de Israel. espaços sagrados permitidos.

O autor de Hebreus olha para trás e diz que aquelas pessoas não poderiam nem entrar na cópia terrena do Santo dos Santos, muito menos entrar no próprio céu, o verdadeiro Santo dos Santos, onde a presença de Deus não é apenas simbolizada, mas é plenamente realizada. Por que? O autor diz de forma bastante impressionante em 10:4 que é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados. Agora, essa é uma declaração impressionante de se fazer quando a escritura, Levítico 17:11, diz que a vida da carne está no sangue.

Eu dei a vocês para fazerem expiação por suas vidas no altar, pois assim como a vida, é o sangue que faz expiação. Mas o autor olha historicamente para a prática do povo judeu e nota que estes sacrifícios acontecem repetidamente, e nada muda para o povo. Ele observa a repetição dos sacrifícios de animais, especialmente no dia anual da expiação, e sugere que a própria repetição denuncia a sua ineficácia, ou então, pergunta retoricamente, não teriam deixado de ser oferecidos? Além disso, porém, ele faz esta afirmação ousada porque a poluição que mais precisava ser removida era uma questão de consciência humana, portanto, fora do alcance do que o autor considerava direitos válidos apenas para limpeza externa, e uma questão de

desfiguração. do santo dos santos celestial, portanto, fora do alcance dos sumos sacerdotes levíticos.

Então, tudo o que aconteceu no dia da expiação no tabernáculo no deserto ou no templo em Jerusalém foi uma espécie de modelo e prefiguração do que precisava acontecer para fazer uma limpeza decisiva em nome do povo. Portanto, conclui o autor em 923, era necessário então que as cópias dos lugares santos nos céus, sendo as cópias o tabernáculo terrestre, fossem limpas com coisas como o sangue de touros e cabras, mas os próprios lugares celestiais precisavam ser purificado com sacrifícios melhores do que estes. Portanto, a morte de Jesus é o que ele apresentará como aquilo que efetua essa limpeza.

Além disso, o autor sugere que os próprios sacerdotes levíticos eram insuficientes para a tarefa. O ponto de partida do autor aqui é novamente um princípio geral que sustenta o culto do templo de Jerusalém. E aqui eu leio em Hebreus 5 :1 que todo sumo sacerdote escolhido dentre os seres humanos é designado em favor dos seres humanos no que diz respeito às coisas pertencentes a Deus.

Mas a própria responsabilidade do sumo sacerdote para com o pecado exige que ele primeiro ofereça sacrifícios para lidar com os seus próprios pecados e os da sua família, antes de poder oferecer pecados em nome do povo. Esta é uma característica proeminente das ofertas diárias e também do dia das ofertas de expiação, como mostram as descrições, ou devo dizer as prescrições para as mesmas, em Levítico. O primeiro animal sacrificado é pelos pecados do sacerdote, não pelos pecados do povo.

Jesus, porém, estando sem pecado e, portanto, sem qualquer poluição em si mesmo, é um mediador qualitativamente melhor. Ele é estabelecido como sacerdote ou mediador, porém, não com base na genealogia, não porque ele vem daquela tribo que foi separada das outras tribos para ser mais santa ao Senhor, a tribo de Levi, mas sim porque ele é estabelecido como sacerdote com base numa vida indestrutível. E aqui, claro, o autor pensa em sua ressurreição dentre os mortos.

O autor acaba de golpear com um martelo teológico os fundamentos das linhas internas de diferenciação e hierarquia de Israel, a diferenciação de Levi do resto dos israelitas e, dentro disso, dos clãs sacerdotais dentro da família de Levi. Agora, o autor olha para a morte de Jesus como um ato que consagra o povo, que pega as pessoas que são comuns, e as santifica para que possam ter acesso a Deus que só os sacerdotes consagrados e até mesmo o sumo sacerdote consagrado outrora desfrutaram, e ainda mais além. E assim, ele interpreta a morte e a obediência de Jesus a Deus e a ascensão de Jesus ao céu como carregando o significado de um dia cósmico de expiação, certo.

Agora, esperançosamente, você lerá Hebreus 7 a 10 e pensará sobre isso nestes termos enquanto faz isso. Não perca de vista o fato de que o autor está usando essa linguagem, esse modelo ritual, o dia da expiação, como uma estrutura interpretativa para uma crucificação e suas consequências. E assim, você sabe, parece que não deveríamos tornar as metáforas do autor algo mais concreto.

Não deveríamos imaginar Jesus realmente entrando no céu com uma bacia de seu próprio sangue. Não é a substância material que importa. É a obediência de Jesus a Deus até a morte que importa e tem esse efeito consagrador.

Mas o autor de Hebreus, as suas metáforas e a sua interpretação têm poder e força explicativa apenas por causa do poder e da força dos códigos de pureza e dos direitos de purificação e dos direitos de santificação no mundo antigo. Agora, embora sejamos um pouco redundantes em relação a algumas das coisas que já disse, quero examinar aqui a mecânica do próprio ritual do dia da expiação, conforme encontrado em Levítico 16, e depois o que o autor de Hebreus faz disso uma estrutura para pensar sobre a morte e ascensão de Jesus. Assim, no dia da expiação, em Yom Kippur, uma série de atos acontecem em uma ordem específica.

Primeiro, vou deixar algumas coisas de fora; caso contrário, eu poderia simplesmente ler Levítico 16 para você. Primeiro, o sumo sacerdote passa por uma lavagem ritual, uma imersão em água que trata da poluição. Então o sumo sacerdote oferece um novilho pelos seus próprios pecados e pelos pecados de sua casa.

Ele leva o sangue deste touro para o Santo dos Santos e asperge o sangue do touro na tampa da Arca da Aliança sete vezes. Então ele apresenta dois bodes diante do Senhor e lança sortes sobre eles e sobre aquele sobre quem esta sorte cair, ele sacrifica aquele, ele mata aquele, e leva um pouco de seu sangue novamente para o Santo dos Santos e novamente asperge o tampa da Arca da Aliança, também conhecida como propiciatório. A tampa da Arca da Aliança é basicamente onde Deus está sentado, a base do seu trono naquele lugar.

Então, ele borrifa novamente a Arca da Aliança com o sangue deste bode. Então ele impõe as mãos sobre o outro bode, o bode vivo, e transfere simbolicamente para aquele bode todos os pecados de todo o povo de Israel. E então ele manda aquela cabra para o deserto para pertencer a Azazel, na verdade, para morrer.

O importante, porém, é que o bode, em suas andanças, leve os pecados e a poluição do povo para longe do povo, para longe do acampamento. E, claro, mais tarde, longe dos lugares colonizados de Israel. Então, o sumo sacerdote realiza outra lavagem ritual.

Depois que tudo isso passar, e ele oferecer uma parte do novilho e uma parte do primeiro bode como holocausto, pelo menos a gordura é oferta. Devo admitir que,

em minha leitura, Levítico não é um pouco claro neste ponto, mas não sou um estudioso de Levítico.

Os restos desses animais, então, são levados para fora do acampamento e são totalmente devorados pelo fogo. Eles são totalmente atendidos fora do acampamento. Observe que de acordo com este ritual, tanto o povo quanto o santuário interior, o santo dos santos, requerem purificação dos pecados.

Daí as duas cabras. Esta última, a purificação do Santo dos Santos, representa dramaticamente a afronta, a contaminação e, portanto, a ameaça que o pecado entre as pessoas lá fora, na terra, representa para a presença do Deus santo em seu meio. Agora tudo isso se torna a estrutura para a interpretação do autor do hebraico da crucificação e ascensão de Jesus.

E como já mencionei, ele fala e presume a ressurreição. Acontece que a ressurreição em si não é levada em consideração em Hebreus 9 e 10 por si só. Portanto, não faz parte desta versão cósmica deste ritual.

A primeira coisa digna de nota é a falta da necessidade por parte deste sacerdote de oferecer sacrifícios pelos seus próprios pecados. Lemos em Hebreus 7 que, diferentemente dos outros sumos sacerdotes, Jesus não precisa oferecer sacrifícios dia após dia, primeiro pelos seus próprios pecados e depois pelos pecados do povo. Ele fez isso, oferecendo um sacrifício pelos pecados do povo, fez isso de uma vez por todas quando se ofereceu.

Pois a lei nomeia como sumos sacerdotes aqueles que estão sujeitos à fraqueza e, portanto, precisam fazer sacrifícios pelos seus próprios pecados. Mas a palavra do juramento, que veio depois da lei, nomeia um filho que foi aperfeiçoado para sempre. Então, esse é um ponto de não-correlação porque Jesus não tem que fazer o que os sumos sacerdotes tinham que fazer em relação ao primeiro animal, o touro, que foi oferecido pelos próprios pecados do sacerdote.

Depois, o autor de Hebreus fala sobre a morte de Jesus fora da cidade. Ele acha relevante que o local da crucificação não tenha sido dentro do campo, mas fora do campo, por assim dizer. E ele traça esse paralelo no capítulo 13.

Pois os corpos dos animais cujo sangue é trazido ao santuário pelo sumo sacerdote como sacrifício pelo pecado são queimados fora do acampamento. Portanto, Jesus também sofreu fora dos portões da cidade para santificar o povo com seu próprio sangue. Então, temos aquele paralelo onde Jesus, com efeito, assume o papel daquele bode que foi abatido pelos pecados do povo.

Mas também, não estamos lidando apenas com os pecados, desculpe, com a mancha do pecado em nossa consciência. Também estamos lidando com a poluição do

pecado na presença de Deus. E assim, o autor de Hebreus olha para a entrada de Jesus no céu como parte deste complexo ritual, como escreve no capítulo 9, versículos 11 e 12.

Quando Cristo veio como sumo sacerdote dos bens vindouros, então, através do tabernáculo maior e mais perfeito, que não é feito por mãos, não desta criação, ele entrou uma vez por todas no lugar santo, não com o sangue de bodes e bezerras, mas com seu próprio sangue, obtendo assim a redenção eterna. E novamente, em Hebreus 9, 23 a 24, o autor escreve sobre a aspersão do sangue do touro e do bode na tampa da Arca da Aliança. Ele escreve que era necessário que os esboços das coisas celestiais fossem purificados com esses ritos, mas as próprias coisas celestiais, o verdadeiro santo dos santos de Deus além dos céus visíveis, precisam de sacrifícios melhores do que estes.

Pois Cristo não entrou num santuário feito por mãos humanas, uma mera cópia do verdadeiro, mas entrou agora no próprio céu para aparecer na presença de Deus em nosso favor. Há até uma certa integração da segunda vinda neste ritual porque, é claro, o sumo sacerdote ressurgiria dos lugares sagrados, e esse ressurgimento sinalizaria a conclusão efetiva e a realização dos ritos do dia da expiação. E assim também Cristo, tendo sido oferecido uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá uma segunda vez, retornará do santo dos santos celestial, voltará e aparecerá uma segunda vez, não para lidar com o pecado, mas para salvar. aqueles que o esperam ansiosamente.

A obediência de Jesus em nome de seus seguidores afeta assim uma purificação completa tal como seus seguidores estão agora, e esta é a conquista estelar, seus seguidores agora estão aptos a cruzar não apenas o limiar para o Santo dos Santos em Jerusalém, porque isso é simplesmente um modelo, isso não conta, mas cruzar o limiar do Santo dos Santos no próprio céu e, assim, desfrutar da presença de Deus para sempre. E assim o autor escreve, portanto, sinto muito, este é o capítulo 10, versículo 19 e seguintes, portanto, irmãos e irmãs, já que temos ousadia para entrar nos lugares santos pelo sangue de Jesus, aproximemo-nos com um sincero coração e plena certeza de fé, tendo lavado os corações da má consciência e tendo lavado o corpo com água limpa. Há o que me parece ser uma referência óbvia ao batismo neste parágrafo, que desempenha algum papel na aplicação da purificação ao cristão individual, assim como o sumo sacerdote tinha que realizar uma imersão ritual antes de entrar na cópia do Santo dos Santos.

Em Cristo, o acesso a Deus já não é limitado por tabus de poluição e linhas intransponíveis, mas torna-se um regresso festivo ao lar, no qual muitos filhos e filhas podem entrar na própria casa do seu pai, no céu. Por enquanto, é a esperança do cristão que entra pelo lado interno da cortina onde Jesus entrou como precursor em nosso favor, e essa imagem de Hebreus 6 imagina que temos uma espécie de amarra no Santo dos Santos celestial, e que amarrar é a nossa esperança, a nossa

ligação com Jesus, o nosso pioneiro, o nosso precursor que foi até lá em nosso nome. À medida que os crentes prosseguem no seu caminho de fé, em vez de recuarem, eles próprios aproximam-se cada vez mais do limiar do próprio céu, sobre o qual foram preparados para atravessar através do sacrifício consagrador de Jesus.

E assim, tal como os roteiros de patrocínio e reciprocidade que exploramos anteriormente na nossa quarta palestra, a pureza e a linguagem sacrificial também impelem os ouvintes a avançar no caminho do discipulado para o objectivo contra a força da resistência do seu próximo. Isto também se reflete no fato de que abandonar a reunião é agora definido como pecar deliberadamente, para o qual, e aqui novamente, o autor aceita e usa os pressupostos dos códigos de pureza da Torá, para os quais não há oferta pelos pecados. Práticas particulares agora são promovidas pelo autor como atos que têm valor para o relacionamento entre Deus e o povo de Deus.

Obviamente, qualquer um dos sacrifícios levíticos não tem mais valor porque todos foram substituídos e transcendidos no único sacrifício de Jesus em nosso favor. No entanto, como povo consagrado, os discípulos estão agora em condições de oferecer uma espécie de serviço sacerdotal e de oferecer actos que se tornam o novo meio de intercâmbio entre Deus e o povo de Deus. Assim, lemos em Hebreus 13: Por meio dele, então, por meio de Jesus, ofereçamos sempre a Deus o sacrifício de louvor, o sacrifício que consiste em louvor, ou seja, o fruto de lábios que professam abertamente o seu nome.

Não nos esqueçamos de fazer o bem ou de partilhar, pois com sacrifícios deste tipo Deus se agrada. Assim, o autor deixa o seu público, o seu público consagrado, que agora está pronto, sempre que chegar o dia, para entrar no próprio céu, o verdadeiro santo dos santos de Deus. Ele deixa-lhes este dever sacerdotal, por assim dizer, de continuar a dar testemunho de Cristo no meio de um mundo potencialmente hostil e de continuar a oferecer uns aos outros atos de amor e serviço, pois estas coisas juntas são os sacrifícios, são a linguagem de troca que tem significado agora para Deus deste lado de Jesus.

Nossas explorações, tanto dos códigos históricos de pureza e poluição como de Hebreus, para não mencionar a missão paulina de forma mais geral, podem nos levar a reexaminar as linhas de pureza hoje. E por um lado, desafiam-nos a transcender certas linhas. Ou vivemos, ou nos recusamos a viver, a convicção de que todos os que confiaram em Cristo são um só corpo em Cristo.

Evitar a poluição é uma estratégia defensiva para proteger a limpeza ou a santidade, mas o próprio Jesus redefiniu a forma como devemos espelhar a santidade de Deus. Não se trata mais de ser santo e, portanto, abster-se completamente de certas poluições, e de estar em guarda contra as pessoas poluídas, pois eu sou santo, mas

agora é misericordioso como seu Pai é misericordioso. E essa é uma estratégia muito diferente.

Essa é uma estratégia de estender a bondade como forma de espelhar o caráter essencial de Deus. Você pode ver pela sintaxe que é uma transformação de Levítico 11. Seja santo, pois eu sou santo.

Seja misericordioso, pois eu sou misericordioso. A transformação dos mapas de pureza e poluição de Israel no ministério de Jesus e no movimento que ele criou desafia-nos a examinar os nossos próprios mapas, os das nossas sociedades e os mapas de limpo e impuro da nossa nação, mapas de dentro e de fora, e a não permitir essas linhas, ou esses mapas, para superar a visão de Deus para uma nova humanidade em Cristo. Ao mesmo tempo, há linhas a serem observadas.

O corpo de Cristo é santo. Foi purificado e santificado pelo enorme privilégio da interação íntima com o Deus santo. Somente uma profunda apreciação do poder e do perigo do sagrado, e do cuidado com que ele foi abordado no mundo antigo, pode nos preparar para uma apreciação proporcional do que Jesus realizou por nós em sua morte, ascensão e envio de o Espírito Santo sobre nós.

Mas agora que fomos assim consagrados, e com o Espírito Santo, o Espírito Santo colocado sobre nós, somos desafiados a continuar a caminhar em linha com esta purificação e a proteger a santidade do corpo de Cristo. Como somos orientados a fazer isso? Bem, os textos do Novo Testamento nos orientam a proteger a santidade do corpo de Cristo da poluição da dissensão interna, dos jogos de poder ou de outras rupturas na estrutura do corpo de Cristo. Para protegê-lo da poluição das práticas, valores e objetivos do mundo, na medida em que estes atrapalhem a visão justa de Deus para o povo de Deus e para o mundo como um todo.

E, claro, para proteger a santidade do corpo de Cristo da poluição da nossa própria má conduta, onde somos tentados a seguir os impulsos das paixões e desejos que nos levam a transgredir os padrões de santidade e justiça de Deus. Em suma, a atenção ao mundo cultural em que a igreja primitiva, as suas convicções, as suas práticas e os seus escritos tomaram forma faz mais do que nos levar a uma audição mais autêntica desses textos. Também nos leva à possibilidade de um seguimento mais autêntico desses textos, à medida que consideramos como eles desafiam os nossos próprios pressupostos culturais, as nossas próprias práticas culturais e a forma como estes limitaram a nossa personificação da visão de Deus para o povo de Deus.

Este é o Dr. David deSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a sessão 8, Lendo Hebreus em sintonia com a pureza e a poluição.

